

Estereótipos da ausência materna no filme *Que horas ela volta?*

*Stereotypes of maternal absence in the film *The Second Mother**

Natielle Oliveira Sousa

Universidade do Estado da Bahia

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0106-5428>

Victor Pereira Sousa

Universidade do Estado da Bahia

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4879-8140>

Resumo: Como os estereótipos em torno da ausência materna são construídos e atualizados no filme *Que horas ela volta?* Este é o questionamento que mobilizou esta pesquisa. O objetivo do estudo se filia em investigar, numa perspectiva discursiva, como esses estereótipos no filme em questão se consolidam de forma cristalizada no coletivo, tanto em suas vertentes positivas quanto negativas. Para tanto, o desenho metodológico desse estudo seguiu os seguintes caminhos: a princípio, fez-se necessária a escolha do filme, bem como um estudo acerca do estereótipo diante das reflexões das pensadoras francesas Amossy e Pierrot (2022); na sequência foi feita uma seleção de autores que abordam sobre a maternidade, com o intuito de traçar uma linha de tempo sobre a mulher-mãe; em seguida buscamos entender ponderações sobre o enunciado e sua função enunciativa diante das pontuações do filósofo francês Michel Foucault (2008) e demais autores que embasam a pesquisa, acerca de concepções discursivas. Em um segundo momento, foi feita a seleção de enunciados e situações presentes no filme para estudo e análise quanto aos estereótipos observados. Os resultados apontam que os discursos e as práticas estereotipadas no filme, juntamente com enunciados proferidos, demarcam situações de busca de verdade e construção de uma identidade perante a ausência materna legitimada.

Palavras-chave: estereótipo, discurso, ausência materna, *Que horas ela volta?*

Abstract: How stereotypes surrounding maternal absence are constructed and updated in the film *The Second Mother*. This is the question that motivated this research. The objective of the study is to investigate, from a discursive perspective, how these

stereotypes in the film in question are consolidated in a crystallized way in the collective, both in their positive and negative aspects. To this end, the methodological design of this study followed the following paths: at first it was necessary to choose a Brazilian film, this being, *Que hora ela volta?*, as well as a study about the stereotype in the light of the reflections of the French thinkers Amossy and Pierrot (2022); Subsequently, a selection of authors exploring motherhood was made, with the aim of drawing a timeline of women as mothers; Next, we seek to understand considerations about the statement and its enunciative function in light of the scores of the French philosopher Michel Foucault (2008) and other authors who support the research, regarding discursive conceptions. Secondly, statements and situations present in the film were selected for study and analysis regarding the stereotypes observed. The results indicate that the stereotyped speeches and actions in the film, together with statements made, demarcate situations of searching for truth and building an identity in the face of legitimized maternal absence.

Key words: stereotype, speech, maternal absence, *The Second Mother*.

Introdução

Tendo em vista os desafios no que concerne à maternidade, sabemos que, em várias culturas, a figura materna é um grande referencial para o desenvolvimento dos filhos. Por diversos motivos e circunstâncias, muitas vezes, esse apoio incondicional é interrompido por tomadas de decisões, podendo ser uma opção, ou mesmo, a falta dela. É válido destacar que o mercado de trabalho é um dos fatores que desencadeia esse afastamento de mães e filhos, e a busca por qualificação profissional por meio do ensino superior, também, soma-se a esse distanciamento, lembrando que existem mães pobres que validam essa ausência por necessidade e aquelas que, mesmo abastadas, podem se distanciar por outras razões.

Essa é uma realidade social que ganha forma no audiovisual para que se problematize a atualidade, assim como outras temáticas, também, adentram esses espaços cinematográficos em prol de desmistificar estereótipos ou validá-los. O filme *Que horas ela volta?*, escrito e dirigido por Anna Muylaert (2015), traz, em seu fio narrativo, três figuras maternas em forma de representação social validando, por meio da tela, estes estereótipos e proporcionando

ao público visões distintas no que dizem respeito ao sujeito materno.

Frente ao exposto, este trabalho objetiva estudar, numa perspectiva discursiva, como os estereótipos em torno da ausência materna são construídos e atualizados no filme *Que horas ela volta?* Esse objetivo se desdobra em discutir a noção de estereótipo, como representação coletiva cristalizada, a sua historicidade, bem como a sua teorização nas Ciências Sociais e nas Ciências da Linguagem; descrever as estratégias de produção do quadro do audiovisual que compõem o filme em questão, a fim de se construir séries enunciativas para análise; analisar como os estereótipos, em suas vertentes negativa (preconceito) e positiva (construção de identidade) se inscrevem na materialidade audiovisual do filme em questão.

Para tanto, o desenvolvimento deste trabalho se consolidou através de estudos discursivos de Michel Foucault (2008) no que tange aos procedimentos de controle da exclusão do discurso, uma vez que os apontamentos foucaultianos perpassam a interdição, estabelecendo a relação entre o discurso e o poder. As ponderações acerca da noção de estereótipo foram mobilizadas dos estudos de Amossy e Pierrot (2022) que a tratam como um objeto transversal da reflexão contemporânea. Autores como Sousa (2014) clarearam a abordagem do discurso atrelado ao audiovisual e Fernandes (2012) somou embasamento para as nossas reflexões acerca do discurso. Ademais, Àvila e Vieira (2018), Fonseca (2002), Chodorow (1990), Moura e Araújo (2004) e Venâncio (2002) deram suporte ao entendimento sobre a mulher e o exercício de sua maternidade.

Este trabalho se organiza em quatro seções, sendo a segunda uma apresentação teórica pautada nos estudos sobre a noção de estereótipo, tomando como base os argumentos das pensadoras francesas Amossy e Pierrot (2022). Na terceira seção, foi feito um recorte no que tange à história da maternidade. A nossa intenção foi traçar uma linha de tempo contemplando a historicidade dessa figura materna, que ressignificou ao longo dos anos o termo mãe para além de dona do lar. Logo em seguida, buscando subsídios em concepções foucaultianas, bebemos da fonte de seu trabalho arqueológico para esclarecermos o conceito de enunciado e sua função. Na quarta seção, traçamos uma análise sobre o filme *Que horas ela volta?*, estabelecendo discussões no que concerne ao estereótipo da ausência materna observada.

A noção de estereótipo em tópicos

A expressão estereótipo tem origem nas palavras gregas *stereos* e *typos*, que formam o termo "impressão sólida", significado este que se tem acesso ao fazer uma rápida pesquisa no Google. É sabido que esse vocábulo surgiu no contexto da impressão gráfica e foi criado pelo francês Firmin Didot, em 1794, contudo é importante destacar que o estereótipo está presente na sociedade desde os primeiros agrupamentos humanos, seja de forma indireta ou direta.

Seguindo a linha tênue dessa perspectiva, as pensadoras francesas Amossy e Pierrot (2022) em seu livro *Estereótipos e clichês* apresentam o estereótipo como um objeto transversal, uma vez que atravessa a reflexão contemporânea, a partir de um lugar comum ou ideias precedidas, estabelecendo interações sociais que se movem no procedimento de clichagem. Amossy e Pierrot (2022) salientam que, antes mesmo de se denominar como estereótipo, a história da noção perpassa por lugares-comuns não sendo pejorativo em sua origem e caracterizado por sentenças repetidas, frequentemente, podendo ser algo seguro e reconhecido, como também estabelece sentido de títulos de capítulos, que designam suas próprias complicações, além de lugar dos argumentos sendo conduzido posteriormente no século XVI para a classificação que constitui um repertório, tomando sentido de ideias batidas (repetitivas), ou seja ideias já gastas. Contudo, a partir do século XVIII atribui-se um valor pejorativo aos lugares-comuns que, segundo concepções de Amossy e Pierrot (2022), estão relacionados à conversação, que se transforma, conseqüentemente, no campo de exercício do opinável. Logo, os lugares-comuns se tornam independentes do seu papel argumentativo, passam a ser objeto de suspeita, sendo ideias que contam com a aprovação de uma grande maioria. Ainda no século XVIII, fala-se de ideias preconcebidas, no entanto tal expressão ainda não tinha sido cristalizada na sociedade, atribui-se, então, ao termo ideias adotadas sem pensar, fazendo referência a opiniões que podem se transformar em credulidade, associadas aos preconceitos e crenças que se baseiam em um raciocínio para além da ciência. Desse modo, as ideias preconcebidas se definem através da relação com a opinião que constitui as evidências básicas de uma sociedade, fazendo jus tanto à linguagem quanto ao comportamento, uma vez que são frases prontas para dizer, para pensar, para fazer e são prescritas pelo discurso social.

Segundo Amossy e Pierrot (2022), "o estereótipo, no sentido de esquema ou de forma cristalizada, só aparece no século XX e se transforma em um centro de interesse para as ciências sociais desde os anos de 1920" (p. 34). Mesmo havendo opiniões, socialmente, precedidas e generalizadas sobre algo, a arte de estereotipar ganha forma partindo de um conceito que se materializa uma ideia, ou seja, "trata-se de representações cristalizadas, de esquemas culturais preexistentes através dos quais cada um filtra a realidade do entorno" (p. 34). Nesse sentido, o estereótipo tem um conceito bem definido que permite analisar a relação do indivíduo com o outro e consigo mesmo. Caracterizado com uma essência que não se altera e nem evolui, parte de uma realidade existente que possibilita uma representação simplificada, resistente a mudanças.

Vale ressaltar que "o estereótipo é cristalizado e rígido" (Amossy e Pierrot, 2022, p. 36). Se interpretarmos a característica cristalizada do estereótipo, em suas entrelinhas destaca-se o sólido da palavra que se molda mesmo sendo rígido, ganha forma se adaptando a realidades impostas ao mesmo tempo em que se configura como algo concreto e padronizado. Presente no inconsciente coletivo, ideias estereotipadas se consolidam socialmente sendo associadas ao clichê quando de forma banal se configuram com expressões repetitivas. Outro fato importante de se destacar é que temos a necessidade de relacionar aquilo que vemos a modelos preexistentes para poder compreender o mundo, ocorrendo, assim, uma generalização que faz do estereótipo algo esquematizado e categorizado, incorporado no senso comum que perpassa gerações. Atrelado a esses vieses, seja no sentido pejorativo ou neutro, é inegável o conceito bem definido do estereótipo que, nos termos de Amossy e Pierrot (2022), permite analisar a relação do indivíduo com o outro e consigo mesmo, ou a relação com grupos e seus membros individualmente, indo além da amplitude dos meios sociais e da comunicação.

Amossy e Pierrot (2022) defendem que seria equivocado falarmos somente da versão negativa do estereótipo, uma vez que é um fator que abarca elementos construtivos na relação do ser humano consigo mesmo e com o outro na sociedade. Assim, o estereótipo cumpre funções que designam uma identidade social das pessoas, podendo ser tanto representações coletivas cristalizadas em grupos, como consolidação de uma unidade. Para as autoras, o indivíduo, frequentemente, adere a uma opinião

estabelecida, identifica-se com uma coletividade, apropria-se de seus modelos estereotipados e, conseqüentemente, tem-se um reconhecimento de seu pertencimento. Nesse viés, é notável que a interação social parte da adesão de membros a determinados grupos ao qual se identificam, uma vez que essa aderência se consolida, frequentemente, a estereótipos dominantes que intervêm na construção da identidade social. Desse modo, “cada um de nós possui tanto identidades sociais quanto pertencimentos: podendo fazer parte simultaneamente de uma classe social, de um grupo socioprofissional, de uma etnia majoritária ou minoritária, de uma noção e, claro, de um sexo” (Amossy e Pierrot, 2022, p. 57).

Dessa forma, as representações estereotipadas antes de tudo são tidas como um instrumento de categorização que distingue um “nós” de um “eles”, uma vez que a função identitária segue modelos, partindo de concepções que um povo faz de um outro e de si mesmo, sendo o pertencimento a um grupo motivo suficiente para suscitar imagens desfavoráveis de outra equipe. Segundo Amossy e Pierrot (2022), a psicologia social mostra como o estereótipo sustenta mais de uma identidade coletiva, sendo elas a autoestima definida e a avaliação que o sujeito efetua de sua própria pessoa.

Essas funções estereotipadas apresentam uma homogeneidade linguística, cultural e histórica na constituição da personalidade humana, seja ela na etnopsicologia ou psicologia dos grupos. Nessa perspectiva, a estereotipagem estabelece uma cognição que se constitui outra função do estereótipo na sociedade, ao mesmo tempo em que, atrelado a relação construtiva da identidade do sujeito, compreende-se toda a interação social que parte de uma personalidade singular se estendendo para a adequação plural.

Conforme Amossy e Pierrot (2022, p. 36),

o estereótipo esquematiza e categoriza, mas esses procedimentos são indispensáveis para a cognição mesmo quando conduzem a uma simplificação e generalização às vezes, excessivas. Temos necessidade de relacionar aquilo que vemos a modelos preexistentes para poder compreender o mundo, realizar previsões e regular nossas condutas.

Partindo desse pressuposto, é comum relacionarmos, historicamente, o que vemos de um conceito, esquematizá-lo e categorizá-lo a um rótulo no intuito de defini-lo. Amossy e Pierrot

(2022) validam ainda que o estereótipo se constitui de vertentes positivas na perspectiva de se construir uma identidade e, em sua vertente negativa, aborda um contexto nocivo relacionado ao preconceito, demarcando um procedimento pejorativo.

Na cognição, considera-se os estereótipos como um procedimento normal e não uma generalização moralmente condenável, uma vez que essa cognição exerce papel decisivo nas representações coletivas cristalizadas, cumprindo funções importantes que modelam as interações sociais. Deste modo, o procedimento de esquematização e de categorização autoriza a estereotipagem, na medida em que há um processamento de informação partindo de fatores motivacionais, sendo as imagens preestabelecidas (expectativas) responsáveis na assimilação de informações novas com concepções estereotipadas existentes, confirmando perspectivas criadas. Entretanto, o estereótipo, de acordo com Amossy e Pierrot (2022), pode ser percebido como uma conceitualização produtiva, estabelecendo função importante na constituição de impressões que se relacionam entre pessoas e grupos, porém, mesmo não sendo objeto de condenação moral, está à mercê de atribuir conceito pejorativo no contexto social.

Na esteira dessa discussão, Amossy e Pierrot (2022) apontam que a estereotipação é moldada pelo contexto social, tendo seu lugar ou função, atribuindo constelação de crenças e formas de pensar a determinados grupos a que o sujeito se insere, uma vez que aborda a vertente positiva do estereótipo que intervém na construção da identidade social e na cognição como um pertencimento. Segundo as autoras, a identidade de um indivíduo não se limita à definição de sujeito singular, mas em conceitos que possibilitam a noção de contato do ser com o outro pertencendo, assim, a um grupo e estabelecendo uma relação constitutiva. Dessa forma, a estereotipagem é um processo que sustenta mais do que uma similitude, é um instrumento não só de pertencimento a uma determinada cultura, identificação ou desejo, mas autoriza e demarca esses princípios.

O levantamento das funções construtivas do estereótipo faz-se necessário em nossa investida teórica, pois antes do estereótipo ser colocado socialmente, sob uma visão pejorativa que adota atitudes preconceituosas a um determinado grupo em questão, legitimando uma antipatia preexistente, pensava-se o estereótipo em sua vertente positiva, que é um fator de coesão social que ajuda no entendimento do conceito de imagens preconcebidas.

Logo, é válido ressaltar que, consoante Amossy e Pierrot (2022), os estereótipos se propagam em qualquer base objetiva, podendo se destacar em característica de poder e dominação, não devendo ser considerados como corretos ou incorretos, mas como úteis ou nocivos. Conforme os apontamentos destacados, percebemos que, quando atrelada à identidade, os estereótipos se solidificam como úteis, ademais é caracterizado como nocivo quando sobressai socialmente rótulos que propagam uma inferioridade nata dos membros de determinados grupos étnicos e raciais.

Breve história da maternidade

A maternidade transcende palavras e faz com que a mulher explore territórios desconhecidos embarcando em uma aventura de descobertas, desafios e emoções. Para além da significância de ser humano, a dádiva de ser mãe propicia momentos de renúncias ao mesmo tempo em que pode ser uma jornada extraordinária de força, resiliência e amor. Nesta seção, mergulhamos nas profundezas da maternidade, na tentativa de traçarmos uma linha de tempo a respeito dessa figura materna ao longo dos séculos, destacando, assim, as diferentes abordagens culturais e pessoais. Esse parêntese se faz necessário para compreendermos a figura materna em temporalidades diferentes e para entendermos como é dada a ver no cinema.

Em *Um olhar sobre o fenômeno da maternidade naturalista: refletindo sobre o processo de maternagem*, Ávila e Vieira (2018) trazem que “em uma sociedade onde a ordem vigente ainda é a construção da família nuclear burguesa, conseqüentemente heteronormativa e patriarcal, a maternidade é, por vezes, apresentada como a representação máxima da feminilidade e realização da mulher”(p. 26-27). Em outros termos, tornar-se mãe configura-se como um estereótipo relacionado ao ser mulher. Assim, sempre se construiu no imaginário do ser humano a imagem de uma pessoa que protege e oferece carinho ao filho para ser considerada mãe. Essa figura feminina, depois de dar à luz, encontra-se com uma gama de responsabilidades que a definem como mãe, sendo necessário salientar que a maternidade é tida como algo divino perante algumas culturas e religiões, uma vez que a criação da vida, a capacidade de dar à luz e nutrir uma criança é vista como um dom concebido a mulher. Nesse sentido, essa realização feminina se configura como uma visão estereotipada de familiaridade e representação social.

A Bíblia (Pr 31:25-26) destaca que "ela é revestida de força e dignidade; sorri diante do futuro. Fala com sabedoria e ensina com amor." As qualidades listadas de uma mãe reforçam a responsabilidade da dona do lar de estar presente na vida do seu filho e oferecer o ato do cuidado como gesto de amor. Desse modo, essa natureza destinada à mãe é de extrema importância para se dar uma estrutura familiar para a criança, uma vez que a família é considerada uma instituição fundamental para a sociedade.

Em contrapartida, Moura e Araújo (2004, p. 45), em *A maternidade na história e a história dos cuidados maternos*, destacam que

[...] historicamente, o valor dado ao relacionamento mãe-criança nem sempre foi o mesmo, sendo que as variações que as concepções e práticas relacionadas à maternagem apresentam são produzidas por uma série de agenciamentos sociais, dentre os quais os discursos e práticas científicas assumem um importante papel.

Assim, com a propagação de uma visão romantizada da figura materna, constantemente, tem-se uma autocobrança para exercer tal função. Quando há uma falha, ou quebra de expectativa, do que já se construiu ser o ofício da mãe, difunde-se um julgamento com a atitude materna considerada incorreta.

Nessa perspectiva, é viável dizer que a maternidade sempre foi desafiadora, cansativa e complexa. Vários fatores contribuem para definir a maternidade, sendo um deles histórico, já que dar à luz e criar os filhos eram incumbências intrínsecas à natureza da mulher e essa visão tem sido perpetuada por normas culturais e sociais. Essa função que a sociedade atribuiu, historicamente, a mulher limita a identidade feminina e faz com que perpetue uma percepção da maternagem como uma demanda exclusiva da mãe, não podendo se ausentar dessa responsabilidade, ou até contar com a ajuda de uma rede de apoio. Tal pensamento é sintetizado por Chodorow (1990, p. 247) quando escreve que

durante um longo período, a maternagem foi pensada como intrinsecamente relacionada à maternidade, como função feminina por excelência, concernente à natureza da mulher, embora alguns autores apontem para o fato de que essa dedicação da mulher ao papel materno deve-se muito mais 'a uma transposição social e cultural das suas capacidades de dar à luz e amamentar'.

Desde a Pré-história, segundo concepções de Beauvoir (1970) em seu livro *O segundo sexo: fatos e mitos*, as práticas de cuidado infantil, mesmo sendo rudimentares, dependiam de uma mãe para que a espécie humana desse continuidade a sua linhagem, porém era tida como uma deficiência já que não havia uma forma de controlar a natalidade, impedindo assim, que as mulheres desenvolvessem suas atividades normais de luta e caça nos períodos em que engravidavam, ou amamentavam. Embora não se tenha registros escritos dessa época, uma vez que as palavras ainda eram suspiros e gestos, os arqueólogos e antropólogos sugerem que as mães desempenharam um papel crucial no cuidado e na proteção de seus filhos.

Na Antiguidade, a maternidade era moldada por situações culturais e sociais. As civilizações antigas definiam a fertilidade da mulher como uma vitória divina, dando ênfase na importância da família e na descendência, sendo a genitora responsável pela criação e educação da sua prole, a exemplo da Roma Antiga, onde a maternidade era vista como um dever cívico. Logo, as civilizações antigas das Américas, maias e astecas, tinham suas próprias práticas relacionadas à maternidade, assim como asseveram Moura e Araújo (2004). Na Idade Média, mesmo a mortalidade materna e infantil sendo alta diante da falta de conhecimentos médicos, as mulheres enfrentaram desafios significativos, incluindo os riscos à saúde e expectativas de vida restritivas em prol de valorizar a maternidade como uma questão, predominantemente, feminina.

Outrossim, no Renascimento e na Idade Moderna, “a ampliação das responsabilidades maternas fez-se acompanhar, portanto, de uma crescente valorização da mulher-mãe, a ‘rainha do lar’, dotada de poder e respeitabilidade desde que não transcendesse o domínio doméstico” (Moura e Araújo, 2004, p. 47). É destacável as limitações da mulher fora do seu papel tradicional de esposa e mãe, uma vez que é perceptível “o amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade, incentivando a mulher a assumir diretamente os cuidados com a prole” (Moura e Araújo, 2004, p. 46). Se comparada aos períodos anteriores, a referida época se caracterizava por mudanças sociais, culturais e médicas que marcavam um avanço significativo na história da maternidade. No século XIX, os cuidados maternos ainda se diferenciavam dos atuais no que diz respeito à compreensão da saúde que era

limitada, sendo viável destacar a falta de redes de apoio que não se tinha como algumas mulheres conseguem ter na atualidade. Ao tratarmos da maternidade no século XX, faz-se necessário abrirmos um parêntese a respeito do movimento feminista que desempenhou um papel importante na luta pelos direitos das mulheres, incluindo o controle de natalidade e o direito ao parto seguro e informado. Sendo assim, mudanças sociais, culturais, tecnológicas e econômicas se fazem notáveis nesse período. Com o desenvolvimento de métodos contraceptivos e a assunção do empoderamento feminino, mulheres conseguem mais oportunidade de acesso à educação e possibilidades de carreira, tendo um controle sobre sua vida reprodutiva e não vivendo, necessariamente, em função de se tornar mãe. Moura e Araújo (2004, p. 47) evidenciam que

À medida, porém, que as responsabilidades aumentaram, cresceu também a valorização do devotamento e do sacrifício feminino em prol dos filhos e da família, que novamente surgiram no discurso médico e filosófico como inerentes à natureza da mulher. Assim, se por um lado as novas responsabilidades da mulher conferiam-lhe um novo status na família e na sociedade, afastar-se delas trazia enorme culpa, além de um novo sentimento de 'anormalidade', visto que contrariava a natureza, o que só podia ser explicado como desvio ou patologia.

Sendo assim, as mulheres, mães, donas do lar e donas de sua carreira com o aumento das suas participações no mercado de trabalho buscam o equilíbrio entre sua vida pessoal e profissional. Como escreveu Probst (2003) em seu artigo *A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho*, a figura feminina se tornara parte integrante da força de trabalho com o desencadeamento da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, uma vez que ingressaram no mercado de trabalho em números crescentes para substituir os homens convocados para o serviço militar. Com isso, é perceptível uma mudança significativa nas dinâmicas de gênero e integração feminina na sociedade. Essa participação da mulher no setor profissional cresceu constantemente e, quando associada a maternidade ao trabalho, a progenitora busca a flexibilidade adaptando sua carreira às necessidades de sua família. Entretanto, nem sempre o desempenho de várias funções acabam sendo executadas da melhor forma possível e, como qualquer outro ser humano, a mãe não fica isenta de ser julgada por contrariar a natureza, a qual foi destinada, desde os primórdios, com uma ausência que transcende uma licença maternidade.

Em pleno século XXI, segundo Lanzetta (2016) em seu artigo "Apoios comprados: formas contemporâneas de suporte à maternagem", ser mãe é estar sujeita a navegar em um mundo de incertezas e inseguranças, sendo um ofício desafiador perante a evolução constante da sociedade. Continua-se a busca pelo equilíbrio entre trabalho, vida pessoal e social, agregada a gama de informações e tecnologias disponíveis que somam uma diversidade de experiências positivas e negativas. Nessa perspectiva, a maternidade exercida em um estilo de vida com diferentes mudanças sociais traz consequências emocionais em uma geração considerada sensível perante várias situações vividas. O custo de vida, por sua vez, é um dos fatores que muda os parâmetros da função materna, a necessidade e as diferentes constituições familiares exigem a busca pela sobrevivência, principalmente, quando se trata de mãe solo, que pode ter sido uma escolha, ou não.

Conforme Moura e Araújo (2004, p. 53),

a mulher, depois de conquistar a liberdade de exercer sua sexualidade desvinculada do matrimônio, de planejar e decidir a maternidade, de adiá-la até o momento que considera propício às circunstâncias de sua vida, de interromper uma gestação por meios seguros (embora ilegais no Brasil), pode também optar por viver a maternidade sozinha, sem que isso signifique uma condenação social.

Dessa forma, em um âmbito social que julga a mulher em todas as instâncias, a mulher mãe solteira não fica isenta de ser criticada, sendo um fator histórico ainda presente, é necessário ressaltar que "com os altos índices de abandonos de crianças no Brasil Colonial, a mãe solteira acaba sendo um personagem aceito na sociedade" (Venâncio, 2000, p. 199). Logo, comparando com décadas passadas, é perceptível que cada era traz novas complexidades e mudanças no que diz respeito ao ofício materno, assim como não viver somente em função dos filhos e de rótulos domésticos, adentrando outros espaços e sendo dona de suas decisões. A maternidade diante de representações idealizadas de vida pelas mídias amplia pressões sociais, cobranças e discursos do que é certo, ou errado, na criação de um filho, uma vez que o apresentável que distingue a realidade de uma mãe da outra gera comparações que demarcam ideologias comuns a de séculos atrás.

Fonseca (2000, p. 517) afirma em *Ser mulher, mãe e pobre* que a

mulher devia ser resguardada em casa se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua. Longe de retratar a realidade, tratava-se de um estereótipo calcado nos valores da elite colonial, como instrumento ideológico para marcar a distinção entre as burguesas e as pobres.

Na esteira dessa discussão, percebe-se que visões estereotipadas, que refletem, necessariamente, a realidade das experiências de mulheres, ou qualquer outro fator, justificam desigualdades de gênero e de classe que são perpetuadas na sociedade, seja ela contemporânea ou colonial. Portanto, a evolução das expectativas em relação à maternidade é influenciada por fatores culturais, sociais e econômicos específicos de cada região e época, uma vez que as experiências individuais de mães podem variar amplamente, mesmo dentro de um período específico. Além disso, a história que perpassa a maternidade é complexa e multifacetada, evolui-se à medida que as sociedades e as culturas transformam-se e se adaptam a novas realidades e valores, refletindo assim não apenas as mudanças nas sociedades ao longo do tempo, mas também as lutas, as conquistas e os desafios enfrentados pelas mulheres em sua jornada como mães.

O enunciado e a função enunciativa

Neste momento se faz necessário apresentarmos discussões acerca do enunciado e sua função enunciativa, tecendo instância que, posteriormente, contribuirão com as análises das cenas do filme *Que horas ela volta?* Posto isso, buscaremos subsídios em concepções foucaultianas, bebendo da fonte de seu trabalho arqueológico para esclarecermos o conceito de enunciado e, posteriormente, entender a manifestação concreta de uma mensagem que se materializa através da linguagem por meio de palavras, frases ou expressões.

Michel Foucault (2008), filósofo francês que se dedicou à reflexão entre poder e conhecimento, em seu livro *Arqueologia do saber* aponta, claramente, que o enunciado não tem forma fixa, não é uma frase, não é uma proposição e muito menos um ato de fala. De acordo com suas perspectivas, na análise do discurso, o enunciado não é atemporal, visto que se situa, historicamente, adaptando-se a contextos, épocas e culturas; não é neutro, pois, constantemente, sofre influência de ideologias e interesses moldados por estruturas de controle e poder; não é independente uma vez que estabelece laços com redes de

conhecimentos que perpassam dizeres já ditos; não está desvinculado do poder, já que a circulação de enunciados está rotulada a um indivíduo permitido falar e, conseqüentemente, tem-se uma fala autorizada.

Frente a isso, "o enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente" (Foucault, 2008, p. 31). Sendo assim, exerce uma função de existência e, a partir dela, dá condição de dizer se algo faz ou não sentido, se é uma proposição, uma frase, ou um ato de fala. Logo, o enunciado é uma unidade discursiva que por meio da linguagem estabelece relações de poder, é associado a contextos históricos e sociais, é organizado através de um campo de conhecimento e estabelece uma construção de significados que perpassa as linhas da escrita e da interação verbal. Desse modo,

a análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (Foucault, 2008, p. 31).

Observamos, então, que o sujeito do enunciado valida o discurso como uma ferramenta de poder e controle social, fazendo com que a função enunciativa se materialize interligando a construção da realidade e da verdade. No capítulo "Os fluidos do discurso: sobre o acontecimento, o enunciado e a função enunciativa" da dissertação de Sousa (2014), que também se embasa em Foucault, o autor destaca que "o enunciado não se constitui como uma unidade da mesma forma que um objeto material pode ser, tendo seus próprios limites e sua própria independência"(p.27). Partindo dessa negação, entende-se que o enunciado é um elemento fundamental que envolve fatores linguísticos, contextuais e interativos, sendo uma unidade de comunicação entre enunciadores que ganha significado e relevância, não de forma isolada, mas de forma fluída e dinâmica.

Posto isso, o enunciado não tem limites rígidos e independentes como um objeto material, do mesmo modo que não é algo físico e tangível. Essa comparação do material com o imaterial, tendo o enunciado como referência, é elemento-chave nesse processo de compreensão da interação comunicativa, exemplificando, assim, a complexidade da linguagem e da comunicação, sendo flexíveis de acordo com o contexto em que estão inseridas. Ademais,

entendemos a dinâmica dos discursos e dos enunciados como contribuintes na construção de conhecimento e na formação de identidade social. Foucault (2008, p. 95-96) salienta que

[...] se o enunciado é a unidade elementar do discurso, em que consiste? Quais são os traços distintivos? Que limites devemos nele reconhecer? Essa unidade é ou não idêntica à que os lógicos designaram pelo termo proposição, à que os gramáticos caracterizam como frase, ou, ainda, à que os “analistas” tentam demarcar sob o título *speech act*? Que lugar ocupa entre todas as unidades já descobertas pela investigação da linguagem, mas cuja teoria, muito frequentemente, está longe de ser acabada, tão difíceis os problemas que colocam, tão penoso, em muitos casos, delimitá-las de forma rigorosa?

Nessa análise da linguagem que é o enunciado, Foucault (2008) questiona o que forma a unidade básica do discurso, preocupando-se com a abrangência desse enunciado, quais são suas características e o que o define. Sendo assim, essa premissa pode se relacionar com outras unidades, ocupando lugares, sendo difícil de definir e entender o seu conceito. O enunciado, portanto, propõe uma reflexão sobre a natureza do significado da comunicação linguística, uma vez que suas proposições, frases ou atos de falas o torna diferente de outras unidades comunicativas. Partindo desse contexto, depois que uma mensagem é anunciada, transmitida e interpretada, o enunciador alcança seus objetivos no que concerne a dinâmica da função enunciativa, função essa que desempenha um papel fundamental na análise do discurso.

Nessa linha de apontamentos, “para a Análise do Discurso, dada a natureza heterogênea de seus objetos de estudo, o discurso, o sujeito e a identidade devem ser observados a partir de ocorrências linguístico-discursivas, uma vez que os enunciados apontam para posições-sujeito” (Fernandes, 2005, p. 31). Nos contextos sociais e culturais diversos, o discurso, o sujeito e a identidade são representados na linguagem, uma vez que são os enunciados que irão indicar o posicionamento das pessoas com relação a determinados temas discursivos. É na análise do discurso que observamos os enunciados como complexos e diversificados, não se limitando apenas ao que é dito, ou escrito, como também, relacionando seu significado a espaços contextuais.

Logo, “um enunciado, enquanto estrutura linguística, implodirá sob o olhar do analista, pois, de opaco, torna-se cheio; de tão coletivo, torna-se particular; de agente, pode tornar-se objeto e vice-versa. Assim, todo enunciado pode tornar-se outro(s)” (Fernandes, 2005, p. 39). Em outros termos, o enunciado revela sua fluidez e sua capacidade de se transformar. Em um primeiro momento, pode ser considerado difícil de se compreender, mas, posteriormente, quando é digno de uma análise, torna-se rico em significados, contendo nuances e detalhes que representam uma ideia coletiva, ou particular. No que concerne a sua mutabilidade, “[...] um enunciado evoca outros, com os quais dialoga, e transcende a inscrição em uma formação discursiva determinada” (*Ibidem*, p. 65), fazendo parte de um diálogo contínuo com outros dizeres, à medida que são analisados em diferentes perspectivas. Destarte, esses apontamentos somam embasamento nas reflexões traçadas acerca do discurso. Tomando como base os estudos foucaultianos e demais teóricos, é possível conceituar os enunciados que antecedem e sucedem integrantes de outros dizeres, sendo uma ação social de um contexto situacional ideologicamente marcado. Logo, a formação discursiva não é homogênea, e sim heterogênea, perante uma unidade de discursivização que se apoia na materialidade histórica, constituindo uma dispersão de acontecimentos em um constante jogo das relações sociais. Dessa forma, de acordo com Foucault (2008), o enunciado é constituído por quatro elementos que o tornam uma função, sendo eles o referencial, sujeito, domínio associado e suporte material.

O primeiro componente é o referencial, ou seja, é o aspecto semântico da mensagem, referindo-se ao conteúdo, ou informação, que está sendo comunicada, sendo um elemento crucial para a compreensão da pragmática da linguagem. Em outros termos, o ponto de referência é quem delimita o espaço ao qual a mensagem se aplica e ganha significação. Portanto,

o referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade (Foucault, 2008, p. 103).

O segundo elemento, o sujeito, é aquele que emite o enunciado de forma individual ou coletiva, através de uma pessoa, grupos

sociais, ou instituições. Para tanto, conforme concepções de Foucault (2008), o enunciador não pode ser reduzido a elementos gramaticais, uma vez que o indivíduo, ou entidade, que está se comunicando tem a intenção de passar uma mensagem de acordo com o seu lugar de fala. Todavia, uma vez que o referencial forma o lugar, definindo condições para que o enunciado se torne relevante, o sujeito enfatiza a natureza variável desse lugar, sendo crucial para se entender a função enunciativa da linguagem, que se adapta a diferentes situações e contextos de uso. A seguir, Foucault (2008) destaca como o enunciado se modifica, sendo complexo e maleável, ocupando uma posição específica dentro do contexto do discurso. Sendo assim, o sujeito desse enunciado constitui

[...] um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia - ou melhor, é variável o bastante para poder continuar, idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma. Esse lugar é uma dimensão que caracteriza toda formulação enquanto enunciado, constituindo um dos traços que pertencem exclusivamente à função enunciativa e permitem descrevê-la (Foucault, 2008, p. 109).

É importante frisar que a função enunciativa não pode “exercer sem a existência de um domínio associado” (*Ibidem*, p. 108). Logo, esse elemento se refere ao contexto e ambiente em que está inserido, sendo este um local, um momento, uma situação e um público-alvo. “Isso faz do enunciado algo diferente e mais que um simples agregado de signos que precisaria, para existir, apenas de um suporte material - superfície de inscrição, substância sonora, matéria moldável, incisão vazia de um traço” (*Ibidem*, p. 108). Em suma, a ideia de domínio associado enfatiza que a linguagem não é apenas um conjunto de signo, e sim uma conexão com situações e ambientes específicos.

O quarto elemento a ser observado no exercício da função enunciativa é o suporte material. Essa materialidade configura-se como o veículo pelo qual o enunciado é transmitido, seja por uma mensagem eletrônica, texto escrito, ou conversa verbal. Desse modo, os enunciados são estruturados e organizados enquanto função, “não sendo constituído pelo espaço ocupado e nem mesmo pela data da formulação, o enunciado tem a sua identidade variada a partir de um regime complexo de instituições

materiais” (Sousa, 2014, p. 27). Essa abordagem ressalta que o enunciado é um produto de um contexto completo e multifacetado, uma vez que, para que ele exista e funcione, é necessário dar ênfase às regras e aos princípios sociais que permitem sua transparência e adaptações a diferentes espaços ocupados.

Frente a discussão feita, “a evidência primeira de um enunciado é a sua forma material, materialidade linguística verbal e/ou não-verbal, uma vez que o enunciado pode ser também uma imagem, ou o uso de cores, bandeiras [...]” (Fernandes, 2005, p. 64). Partindo desse pressuposto, ao analisar um enunciado é necessário observar sua aparência e manifestação concreta, para que, em seguida, considere suas diferentes formas de expressões. Sabe-se que podemos passar uma mensagem de várias maneiras, e como no filme *Que horas ela volta?*, o espaço cinematográfico dá significado a um contexto por meio de enunciados e imagens, fazendo uso de uma materialidade linguística e não-verbal. Ao utilizar esse veículo de comunicação (suporte material), denominado linguagem cinematográfica, que se constitui de elementos visuais e verbais, temos o propósito de interpretar e problematizar enunciados materializados no filme.

A (re)produção de estereótipos no filme *Que horas ela volta?*

O filme brasileiro intitulado *Que horas ela volta?* teve sua estreia mundial em 2015 nos Estados Unidos e, logo em seguida, em sete países europeus. O lançamento no Brasil aconteceu, posteriormente, no mesmo ano. A trama se desencadeia com a protagonista nordestina Val, que residia em Pernambuco, mas vai para São Paulo e deixa sua filha Jéssica sobre os cuidados de terceiros. A busca por um trabalho fora do seu estado é movida pela garantia do sustento de sua filha. A protagonista, mesmo de longe, tenta se fazer presente suprindo as necessidades de Jéssica.

Na casa em que trabalha, Val é empregada e babá de Fabinho, filho do casal Carlos e Bárbara. Considerada “praticamente da família”, é perceptível o cuidado que a empregada tem com Fabinho, e o papel de mãe que desempenha, para além de babá, suprindo a carência da própria mãe biológica do menino. A narrativa se costura na ausência materna de ambas as mães e transcende o questionamento do filme *Que horas ela volta?*, tanto no início, como no fim, da trama com a terceira mãe, Jéssica, que também se ausenta de sua maternidade. Jéssica sai de Recife e vai

para São Paulo com o intuito de prestar vestibular e se surpreende com a vida que a mãe levava na cidade grande. Morando na casa dos patrões de Val por um tempo, Jéssica observa, estuda e o filme é construído.

As discussões aqui traçadas compuseram o aporte teórico necessário para a análise das posições ocupadas por Val e Jéssica, como mãe e filha, objeto de estudo deste trabalho. Diante do destaque que as duas têm na narrativa, sendo Val um sujeito discursivo que se ausenta de sua maternidade e, conseqüentemente, tenta construir uma verdade que não é ausente, ou que não pode dizer que seja, na busca de se formular uma identidade. Ao analisar o filme na íntegra, fazem-se notórias passagens em que o estereótipo da ausência materna é perceptível, como no cuidado invisibilizado de Val, a empregada não cuida apenas das tarefas domésticas mas, também, do filho dos patrões, Fabinho. Logo, sua dedicação e afeto não são reconhecidos como equivalentes ao cuidado materno que ela dedica à filha que está longe. Tais atitudes, provocam a resistência de Jéssica em aceitar Val como sua mãe. A dificuldade de comunicação e relação tensa em alguns momentos e o fato de Jéssica não aceitar o papel da mãe como empregada são alguns fatores que validam essa ausência materna estereotipada em sua vertente negativa.

Outro momento que é digno de se observar é a cena em que a colega de trabalho de Val, Edna, verbaliza: "Difícil é criar filho sozinha". O clima fica desagradável, pois Val não gosta da fala da colega, considerando-a equivocada, subentendendo que não é porque ela não cria sua filha que não seja difícil para ela, também, a distância. Desse modo, na fala de Edna é possível enxergar a sociedade que julga a postura de uma mãe que decide criar sua filha com os meios que consegue, mesmo que esta ação custe a presença física.

No entanto, ao mesmo tempo em que Val não se sente bem por ser estereotipada com relação à ausência de sua maternidade, ela não se acha digna de ter reconhecimento de sua função como mãe, quando seu patrão, Dr. Carlos, a parabeniza pela criação da filha. Isso lhe causa surpresa, já que a criação de Jéssica não foi de sua inteira responsabilidade. Em outra cena, após Jéssica ir dormir no quatinho com a mãe, pois a patroa não a queria mais na casa, os ânimos de mãe e filha se exaltam, sendo perceptível no enunciado "mãe é quem cria". A filha deixa claro que quem a criou que é a sua mãe e não Val, na seguinte formulação: "Não é minha

mãe, não é nada, Sandra que me criou, não tenho nada a ver com isso”.

Por conseguinte, Gutman (2013) em seu livro *O Poder do Discurso Materno: introdução à metodologia de construção da biografia humana*, enfatiza a necessidade de saber o nível de maternagem que cada indivíduo recebeu, para que possa refletir sobre sua postura adulta que se constitui de um reflexo de uma infância com a presença, ou ausência de uma mãe. No filme *Que horas ela volta?*, especificamente, na passagem mencionada, é notório que a ausência materna reflete na vida adulta de Jéssica como sinônimo de revolta. A rejeição desse episódio em sua trajetória faz com que o filtro do interdito não seja utilizado nesse momento. Sendo assim, “É sempre possível dizer o verdadeiro em um espaço de uma exterioridade selvagem, mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (Foucault. 2004, p. 35).

Jéssica rasga a sua verdade selvagem, porém Val, também, tem a sua verdade a construir. Indignada, ela afirma: “Sandra que é tua mãe! A conta de Sandra sabe quem é que mandava dinheiro todo mês.” Desse modo, é perceptível que o suporte prestado a filha é invalidado como uma forma de cuidado materno, ficando explícito que a presença física que não foi prestada, impactou na relação entre as duas. Sendo assim, Jéssica e Val perpassam por esse caminho do interdito, o qual é fundamentado nas perspectivas de Foucault (2004) em seu inciso *A Ordem do Discurso*. Após ser segregada pela filha frente à sua postura, ao longo da trama, a personagem Val se apresenta como um ser segregado, buscando, através da vontade de verdade, ressignificar sua função como mãe. Alternativas são pensadas para que Jéssica a veja como uma figura materna, tentando estabelecer laços mais próximos em uma relação que foi abalada por sua ausência e por dizeres não ditos ou, talvez, ditos de forma equivocada.

Ao longo da trama, é perceptível a tentativa dessa reconciliação, por exemplo, quando Jéssica fala sobre as visitas da mãe que chegava toda rica, toda cheia de coisas, toda cheia de presentes na mão em Recife e a deixava perguntando: “Que horas que mainha volta?”. Nessa afirmação, percebemos uma tentativa do sujeito mãe de provar sua maternidade não só para a filha, mas também para as pessoas de sua cidade natal. Em outro momento, quando Val liga para a filha para dizer que está orgulhosa por sua

aprovação no vestibular, fica evidente a busca de verdade após uma segregação estabelecida. A construção de uma imagem de mãe presente é constantemente almejada por Val. Nessa perspectiva, segundo concepções de Foucault (2004), esse ser é segregado após não seguir a linha tênue de determinadas regras proferidas, atravessa esse interdito e, conseqüentemente, sofre uma exclusão. Com essa rejeição do que é dito, rotula-se aquele que não deve ser ouvido perante a relação de poder estabelecida. A partir desses dois sistemas, busca-se uma vontade de verdade na intenção de construir um discurso possível de ser aceito, redimindo-se com situações inoportunas criadas e, talvez, sustentadas por um período.

Há passagens no filme em que Val não pode, ou não quer, assumir a ausência legitimada, não consegue justificar, com clareza, por que é uma mãe ausente, ou não consegue verbalizar essa ausência. Quando Jéssica questiona por que em dez anos Val não voltou para vê-la, ela responde: "Pergunte seu pai", ou seja, são motivos que não podem ser ditos, ou exige uma explicação dada por outra pessoa. Val ainda verbaliza: "Quanto mais eu não voltava, mais eu queria voltar, aí passava o tempo eu não voltei". E finaliza: "Um dia você vai entender direitinho sua mãe." Nessas formulações proferidas, é perceptível que as decisões tomadas pelo sujeito não são explicadas e, quando questionada, a mãe não consegue dar uma justificativa plausível. Posto que esses interditos deixam evidentes situações que demarcam uma ausência materna de Val, porém, ao final do filme, é revelado que Jéssica, também, se ausenta de sua função como mãe. Logo, quando Val questiona quem é o menino da foto que ela encontrou, Jéssica diz ser Jorge, seu filho. Ao ser indagada por que não havia trazido o menino para São Paulo, Jéssica fala que não tinha como, pois ela tinha que estudar e prestar vestibular.

Assim, o enunciado se atualiza, ou seja, mais uma mãe tenta encontrar melhorias de vida para o filho, validando, assim, sua ausência física. No entanto, Val não desiste de construir uma verdade perante sua imagem para a filha. Na sequência, após pedir demissão do trabalho, fala para a filha buscar seu neto. Jéssica verbaliza: "Você vai cuidar dele, mãe?". Aqui se constrói uma verdade, o termo mãe que não era proferido antes, soa aos ouvidos de Val e rompe os parâmetros de uma exclusão, temos uma vertente positiva do estereótipo. Logo, assim como a maternidade é diversa e moldada por uma série de fatores interligados, o discurso e as ações inscritas no filme registram

experiências de mulheres em um mundo no qual vivenciam a maternidade buscando um equilíbrio.

Considerações finais

Pretendeu-se, neste trabalho, traçar argumentos no que tange à noção de estereótipos associado a elementos discursivos e sua função enunciativa na sociedade, com o intuito de se construir, teoricamente, uma linha tênue que fundamenta essa pesquisa. Posteriormente, a análise sobre a (re)produção de estereótipos no filme *Que horas ela volta?* foi construída, observando as nuances das relações interpessoais, evidenciando esses estereótipos no que refere-se à ausência materna que se perpetua na trama cinematográfica.

Dessa forma, a primeira seção buscou trazer apontamentos sobre a noção construtiva, bem como a noção negativa, que caracteriza o estereótipo. Logo esse termo é associado a representações coletivas cristalizadas, cumprindo funções importantes que modelam as interações sociais. Em seguida, foi abordado, de forma breve, a história da maternidade, de maneira que fosse plausível compreender a mulher-mãe em temporalidades diferentes, desde o seu conceito bíblico, que considera a maternidade como algo divino, até os tempos atuais como um desafio que perpassa experiências e realidades distintas. Na terceira seção, para que fosse possível entender a manifestação concreta de uma mensagem que se materializa através da linguagem por meio de palavras, frases ou expressões, foram traçadas concepções discursivas acerca do enunciado e sua função enunciativa, validando, assim, um aporte que abarca sobre o referencial, sujeito, domínio associado e suporte material, o qual se consolida, por fim, na análise.

Em suma, os resultados esperados da pesquisa foram alcançados, tendo em vista o objetivo de estudar, numa perspectiva discursiva, como os estereótipos em torno da ausência materna são construídos e atualizados no filme *Que horas ela volta?* Assim sendo, foi possível observar nas análises que os discursos e as ações estereotipadas no filme, juntamente com enunciados proferidos, demarcam situações de busca de verdade perante uma exclusão estabelecida, na medida em que o sujeito segregado, subjetivado pela personagem Val, almeja construir uma identidade perante a ausência materna legitimada. Logo, um distanciamento físico perpassa por uma rejeição que, posteriormente, é rompida, validando uma vertente positiva.

Mediante os resultados, é impossível pensar a trajetória das mulheres- mães contemporâneas sem marcas de estereótipos, os quais não refletem, necessariamente, a realidade, e sim situações e experiências diferentes. Sendo assim, com a ausência materna analisada no filme *Que horas ela volta?* percebemos resquícios de estereótipos que se justificam perante desigualdade de classe que são perpetuadas na sociedade.

Referências

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne. Estereótipos e Clichês. São Paulo: Contexto, 2022. p. 11- 65.

ÁVILA e VIEIRA, Camilla, Alana. Um olhar sobre o fenômeno da maternidade naturalista: Refletindo sobre o processo de maternagem. Niterói: Gênero, 2018.

BÍBLIA, Provérbios. In: Bíblia Sagrada. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica e Internacional e Paulus, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo – Livro 1: Fatos e Mitos. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CHODOROW, Nancy. Psicanálise da Maternidade: uma Crítica a Freud a Partir da Mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

GUTMAM, Laura. O Poder do Discurso Materno: introdução à metodologia de construção da biografia humana. Tradução Lizandra Magon de Almeida. São Paulo: Ágora, 2013.

FERNANDES, Cleudemar. Análise do Discurso: reflexões introdutórias. Trilhas Urbanas, 2005.

FONSECA, Cláudia. Ser Mulher, Mãe e Pobre. In: PRIORE, M.D. (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002. Cap. 15, p. 510.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LANZETTA, Roberta Corrêa. Apoios Comprados: Formas Contemporâneas de Suporte à Maternagem. *Polêm!ca*, v. 16, n.1, p. 01-13, janeiro, fevereiro e março, 2016.

MOURA, ARAÚJO, Solange Maria, Maria de Fátima. *A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. Psicologia Ciência e Profissão*, 2004.

MUYLAERT, Anna. *Que horas ela volta?* Rio de Janeiro, RJ. Globo Filmes, 2015. 1 DVD (114 min).

PROBST, Elisiana Renata. *A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho*. Instituto Catarinense de Pós-Graduação - ICPG. Santa Catarina, 2003.

SOUSA, Victor Pereira. *Sujeito, corpo, telenovela: movimentos discursivos da materialidade audiovisual em O astro*. Orientador Nilton Milanez. Vitória da Conquista, 2014.

VENÂNCIO, Renato Pinto. *A maternidade negada*. In: PRIORE, M.D. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. Cap. 6, p. 195.